Uma estratégia para a apresentação da disciplina Pesquisa de Opinião Pública

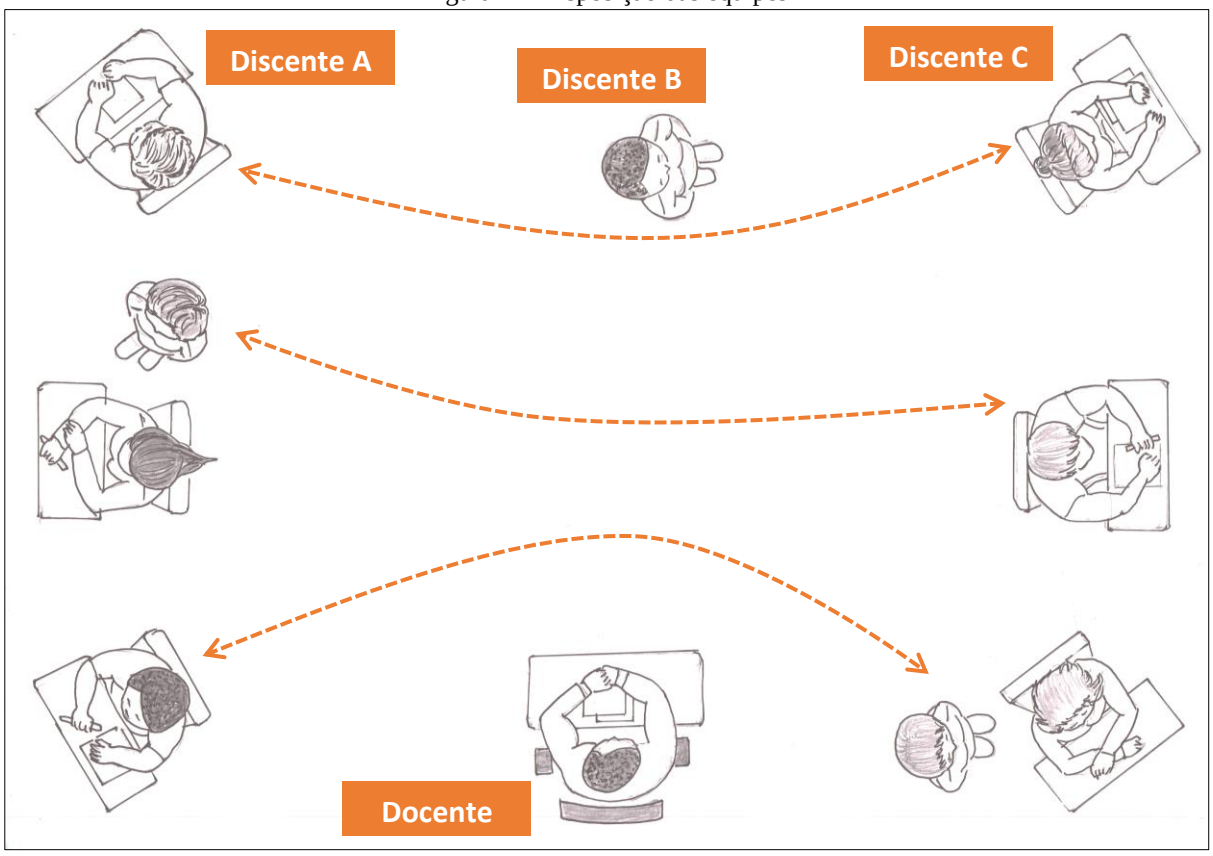
André Luiz Dias de França
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB

Trata-se de uma metodologia de apresentação da disciplina Pesquisa de Opinião Pública (POP) do curso de Relações Públicas da Universidade Federal da Paraíba. Ofertada no 3º Período, o referido componente curricular possui 60 horas-aula e apresenta o seguinte trecho em sua ementa: "[...] Etapas da pesquisa de opinião: formulação do problema, construção de hipóteses e determinação dos objetivos, operacionalização dos conceitos e variáveis, seleção da amostra, elaboração dos instrumentos de coleta de dados, análise e interpretação dos resultados e redação do relatório final." (PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO DE BACHARELADO EM RELAÇÕES PÚBLICAS/UFPB, 2016).

Uma vez que a pesquisa está inerente no processo de desenvolvimento do conteúdo programático do semestre, compreendemos que realizar uma atividade prática no primeiro encontro com os discentes seria uma forma bastante frutífera de apresentar o que estaria por ser desenvolvido durante os encontros em sala. Para construção dessa dinâmica fomos inspirados pela metodologia aplicada na obtenção e interpretação dos dados apresentados no estudo de um buraco negro em abril de 2019, e que cuja imagem ficou famosa em todo o mundo (mais informações em EVENT HORIZON TELESCOPE, 2019).

Para nossa disciplina, dividimos a turma em grupos de no mínimo 3 estudantes cada (A, B e C), posicionando-os de modo que se distribuíssem como no *layout* a seguir:

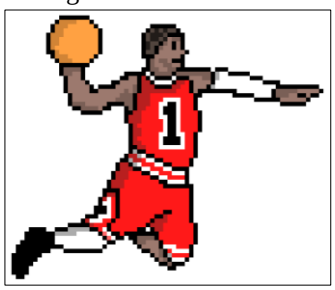
Figura 1 – Disposição das equipes



Fonte: Ilustração de Isaac Newton Cesarino da Nóbrega Alves.

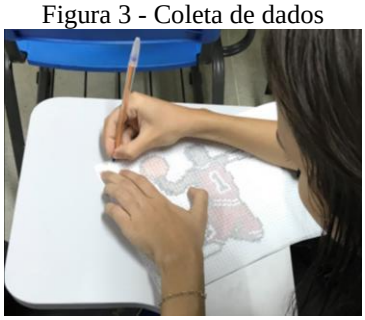
A partir daí, foi apresentado a cada **Discente A** uma ilustração (Figura 2) para que este fizesse uma análise minuciosa de modo a se apropriar de sua constituição.

Figura 2 – O fenômeno



Fonte: Disponível em: http://pixelartmaker.com/art/0e4422d8f0bb1e6.png.

Figura 3 - Coleta de dados



Fonte: Desenvolvimento nosso.

Figura 4 - Resultado

Fonte: Desenvolvimento nosso.

Solicitamos, então, que este **Discente A** , na sequência, coletasse os dados (Figura 3) e os repassasse ao **Discente B**, que por sua vez deveria entregar as informações ao **Discente C** para que este organizasse o material recebido e decodificasse a ilustração sem ter tido o contato visual com ela. Para isso, foi preciso se pensar numa metodologia com a qual fosse possível escolher a melhor estratégia para extrair, da imagem em tela, dados que pudessem ser interpretados pelo colega do lado oposto da sala (**Discente C**).

Com a aparente e inevitável dificuldade dos estudantes na parte metodológica, apresentamos uma folha de A4 quadriculada e transparente ao **Discente A** e sugerimos que usá-la como instrumento de coleta poderia auxiliar na empreitada. Pedimos então que posicionasse o referido papel sobre a ilustração e marcasse linhas e colunas, diferenciando-as, algo do tipo: linhas A, B, C... Z; e colunas 1, 2, 3... 100, e assim, cada "quadradinho" seria único, do tipo **P38**, ou **H71**, por exemplo. Essa tomada de decisão tornou-se viável na busca por quais desses quadradinhos faziam parte da ilustração, dando ao **Discente A** um dado que agora poderia ser transmitido ao **Discente B**, que por sua vez o entregaria ao **Discente C**. Por óbvio que este último estudante também recebera uma folha de A4 quadriculada, mas não transparente, opaca, e que, orientado pelo **Discente B**, marcara linhas e colunas da mesma maneira que o **Discente A** fizera. O processo se repetiu várias vezes e os discentes, mais amadurecidos com o passar do tempo, começavam a criar estratégias que poderiam agilizar a atividade, como agrupar informações para serem levadas em lotes, por exemplo.

O que fizemos, em suma, foi apresentar um problema aos discentes, pedindo que coletassem dele dados que pudessem, ao serem analisados, levá-los a uma compreensão do que ele representava. Assim, utilizando uma metodologia, os estudantes usaram um instrumento de coleta que permitiu transmitir dados a uma unidade responsável por interpretá-los de modo que ao fim, o fenômeno (problema) fosse representado com a máxima proximidade de uma dada realidade (Figura 4). A disciplina POP é um conteúdo de elevada relevância na formação do profissional de Relações Públicas uma vez que, com seu desenvolvimento, temos a oportunidade de conhecer as inclinações, atitudes e opiniões de um público de interesse a respeito de determinada proposição. Ter a ciência do que pensa nosso público é a essência de nossa atividade e por isso, reconhecemos que o zelo na administração desse conteúdo programático é estratégico na formação discente.

Compreendemos que fazer com que o estudante assimile o que é a pesquisa e as etapas que envolvem seu processo o empodera de modo a se sentir seguro em tomar decisões adequadas quando estiver diante de um problema que precisa ser por ele analisado. É preciso fazer com que esses discentes tenham a ciência de que toda pesquisa envolve a abordagem de um fenômeno que precisa ser estudado através de uma metodologia viável que nos permita obter dados a seu respeito. Eles precisam compreender que esses dados podem ser limitados e que eles nem sempre conseguirão expressar uma realidade completa, nesse caso, apenas permitindo-os ter a visão parcial do que ocorre. Mas que, por mais incompleta que seja uma dada representação da realidade, que o pesquisador precisa garantir que aquilo que foi coletado é suficiente para a consecução de seus objetivos traçados. Só assim, o cientista conseguirá compreender e comunicar o que está acontecendo com um dado fenômeno.

Aplicamos essa atividade nas duas últimas vezes que ministramos a disciplina (2019.1 e 2019.2) na UFPB e temos observado que a turma consegue, adiante, compreender melhor as etapas de contextualização do fenômeno que se proporão a estudar, a problematização, objetivos e a metodologia aplicada mais apropriada para que desejam conquistar. Passam a ter intimidade com limitações da pesquisa, prazos de apresentação e comunicação científica. Conseguem também perceber que muitos dos achados precisam ser compreendidos não apenas por eles, mais por todo um ecossistema que envolve a academia, ou seja, que as suas conclusões precisam ser aceitas pelos seus pares, ou a pesquisa pode ter sido em vão, caso não consigam representar a realidade que se propuseram a estudar. Por fim, os discentes observam que, apesar de exigir um esforço hercúleo, a pesquisa é fundamental para sua formação.

Temos a compreensão que nem todos os estudantes possuem inclinação para seguirem a carreira acadêmica, no entanto, uma das particularidades da atividade de Relações Públicas é o uso da pesquisa com todo o rigor científico. Kunsch destaca que devemos possuir “Conhecimento básico sobre a pesquisa científica, seus métodos, instrumentos e suas técnicas.” (2003. p.278), o que é crucial para fundamentarmos as ações futuras em planos e programas, pois assim conseguiremos ter o respaldo da cúpula administrativa da organização para a qual desenvolvemos nosso trabalho. Por isso, é tão premente fazer com o que o discente compreenda a importância de se pesquisar ainda nos primeiros semestres de curso, fazendo-o se familiarizar com o processo da pesquisa e suas etapas e como estão correlacionadas. Ao fazermos isso no primeiro encontro, conseguimos mostrar à turma do que se trata a disciplina e como ela pode ser proveitosa uma vez que ela compreende melhor como se inicia e se conclui um processo de pesquisa.

Palavras-chave
Metodologia da Pesquisa; Pesquisa de Opinião Pública; POP; Relações Públicas.

Referências

EVENT HORIZON TELESCOPE. 2019. Disponível em: https://eventhorizontelescope.org/press-release-april-10-2019-astronomers-capture-first-image-black-hole. Acesso em: 02 mar. 2020.

KUNSH, Margarida Marial Krohling. **Planejamento de Relações Públicas na Comunicação Integrada**. 5. ed. São Paulo: Summus, 2003.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS/UFPB. João Pessoa/PB, 2016. Disponível em: http://www.ccta.ufpb.br/rp. Acesso em: 28 fev. 2020.